

As origens ibero-americanas da racialização na Modernidade

The Ibero-American origins of Modern Racialisation

Las Orígenes Iberoamericanas de la racialización en la Modernidad

João Gabriel Covolan Silva ^{1*}

<https://orcid.org/0000-0001-2345-6789>

Resenha do livro: Schwartz, Stuart B. *Blood and Boundaries: The Limits of Racial Exclusion in Early Modern Latin America*. Boston; Waltham, Brandeis University Press, 2020.

Como citar esta resenha:

Silva, João Gabriel Covolan. “Resenha do livro *Blood and Boundaries: The Limits of Racial Exclusion in Early Modern Latin America*, de Stuart B. Schwartz”. *Locus: Revista de História*, 29, n.1 (2023): 246-251.

O historiador Stuart B. Schwartz, Professor da Yale University, nos brinda com *Blood and Boundaries: The Limits of Religious and Racial Exclusion in Early Modern Latin America*, publicado em 2020, fruto de três conferências realizadas na Sociedade Histórica de Israel em 2019. A obra de Schwartz é deveras conhecida para os estudiosos do império português, sobretudo da América portuguesa, por conta de sua extensa contribuição à história social, econômica e política da colônia luso-americana. No trabalho ora sob análise, Schwartz segue alguns caminhos já trilhados anteriormente: seja em *Slave, Peasants and Rebels*, de 1992, e sobretudo em *All can be Saved: Religious Tolerance and Salvation in the Iberian Atlantic World*, de 2008 —publicadas em português. Em *Blood and Boundaries*, Schwartz centra sua análise no mundo colonial ibero-americano, aprofundando, em uma

*Graduado em História pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em História pela Universidade de Turim (Itália) e doutorando em História na Scuola Normale Superiore di Pisa (Itália), dedicando-se sobretudo ao estudo do Brasil Colonial e História Atlântica entre os séculos XVI e XVII. E-mail: joao.covolansilva@sns.it.

narrativa plena de detalhes, o papel exercido por grupos intermediários que se formaram ou se transplantaram na América a partir dos processos de colonização. Desde o início, ressalta pontos centrais da formação de sociedades caracterizadas pela presença do trabalho forçado e pelo forte processo de distinção social que, embora apresentem aspectos *sui generis*, se estudadas em perspectiva comparada apresentam características comuns que nos ampliam o horizonte reflexivo.

Ao analisar as sociedades coloniais ibero-americanas, Schwartz nos oferece elementos para compreender inclusive a gênese da formação de ideias raciais e práticas discriminatórias baseadas na *racialização* de grupos étnicos e religiosos; processo já em curso nas sociedades peninsulares, como ressaltaram detalhadamente, dentre outros autores, François Soyer em *The Persecution of the Jews and Muslims of Portugal*, e Adriano Prospero em *Il Seme dell'Intolleranza* – tendo Prospero ressaltado que a cesura entre a era da intolerância religiosa e a do racismo científico não são, afinal, distantes. As interações conflitivas — e não nos esqueçamos: também colaborativas — entre espanhóis, portugueses, *criollos* e luso-brasileiros com os povos indígenas, africanos, afrodescendentes e mestiços, bem como entre cristãos-velhos e cristãos-novos entre os séculos XVI e início do XIX, revelam como o conceito de *raça* é socialmente construído a partir de importantes evidências. E aqui, como a vida material, política e cultural das colônias ibéricas contribuíram para a criação de discursos raciais que invocam aspectos negativos e degenerativos que são herdados pelos grupos marginalizados destas sociedades, acelerando a passagem de formas de distinções sociais baseadas em princípios essencialmente religiosos para outras em que, ao lado da religião, a cor da pele, a ascendência e a cultura são centrais. Em suas palavras, “[...] Eu creio que a história das experiências de Espanha e Portugal com minorias religiosas e raciais na América Latina continuam a ser centrais para o entendimento não apenas daquela parte do mundo, mas também para a história global dos impérios e da raça” (Schwartz 2020, p.12).

Dividida em três capítulos, o primeiro analisa os mouriscos — reais ou imaginários — nas Américas. Para o autor, se os historiadores e historiadoras anteriormente presumiam que a exclusão dos muçulmanos e mouriscos da América Ibérica fora efetiva e, portanto, sua presença era nula, outros estudiosos, em tempos mais recentes – de acordo com Schwartz ansiosos para desvelar a presença muçulmana no Novo Mundo –, reproduzem as muitas menções e acusações acerca da presença dos *moros*. Menções que deveriam ser matizadas para que evitemos equívocos, pois durante muitas disputas por influência e poder entre grupos coloniais os apodos *perro judío* ou *perro moro* eram uma constante, sendo veiculados para se manchar a imagem do oponente.

Não sendo possível aproximarmo-nos a uma estimativa de quantos mouros e seus descendentes se instalaram na América, o que Schwartz faz é constatar, pontualmente, casos em que estes indivíduos participaram dos processos de conquista e colonização do Novo Mundo e, o

que é mais significativo, sua presença na mentalidade coletiva da época, sobretudo na América hispânica. O uso de termos como *mezquitas* para os templos Astecas, *genízaros* para os indígenas que viviam ao norte da Nova Espanha e *mamelucos* para os mestiços no Brasil são um exemplo claro da transposição que ocorre das experiências prévias na Península Ibérica e Norte de África com as expectativas e intentos coloniais na América. Elemento também encontrado na definição dada aos territórios pouco povoados por colonos de origem ibérica e com grande presença indígena, como em Mamil Mapu, que se estendia dos arredores de Buenos Aires até Mendoza, chamado de *Argel disimulado*. O que é interessante, por fim, é que no período em que ocorre um maior afluxo de muçulmanos ao continente americano não foram os piratas do Marrocos ou os otomanos que contestavam a Cristandade, mas africanos escravizados de fé islâmica que chegaram, principalmente, no Brasil pós-independência e em Cuba e cujas identidades étnicas e religiosas eram instrumentos de resistência à escravatura.

No segundo capítulo Schwartz analisa a presença dos cristãos-novos – grupo que está na base argumentativa da obra, ao lado dos mestiços. De acordo com o autor há em relação aos cristãos-novos a criação de um discurso proto-racial acerca das linhagens, com referências ao *sangue impuro* dos conversos. Os elementos de distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos, ao contrário dos mouriscos, que em geral possuíam determinados hábitos e indumentárias que os diferenciavam dos ibéricos católicos, eram mais tênues, desembocando em um paradoxo: as mesmas sociedades ibéricas que forçaram a conversão endureceram, simultaneamente, seus mecanismos de assimilação, manifestando em discursos políticos e religiosos as “manchas” de sangue herdadas. Uma deficiência moral, portanto, que se transforma em deficiência genética.

A migração de cristãos-novos, sobretudo no caso lusitano, como ressalta o historiador, ocorre depois das fundações dos tribunais da Inquisição em Portugal (1536) e Goa (1560), período que é concomitante com o início do crescimento da economia açucareira no Brasil, território que apresenta uma dupla expectativa: de um lado, diante da possibilidade de crescimento econômico; de outro, por se fugir da Inquisição. Com a união das coroas ibéricas, o intenso movimento e interdependência entre atividades mercantis entre territórios luso e hispano-americanos atraíram consideravelmente os cristãos-novos, com a conformação de redes que se estenderam aos portos europeus, americanos e africanos. Nos explica o autor que os decênios entre 1580 e 1630 marcaram o sucesso de comerciantes sefarditas, inclusive no trato negreiro — pesem as perseguições e o preconceito a não serem desconsiderados.

Estas dinâmicas são importantes por assinalar um aspecto constante acerca da presença dos cristãos-novos na América: a alternância entre uma relativa estabilidade com ondas de perseguição que, não obstante, deram espaço para a criação de vínculos entre cristãos-velhos e

novos que em muitos momentos deixaram em segundo plano as identidades religiosas diante de interesses compartilhados. Por estas razões, os cristãos-novos, “mestiços da fé”, representam um problema constante: sua existência desafiava um universo baseado em categorias fixas, configurando-se como os precursores da instabilidade social criada pela formação de novas comunidades, sobretudo quando a cor da pele e o fenótipo começam a ultrapassar a religião como principais marcadores de distinção social.

Por fim, no terceiro capítulo, Schwartz analisa os grupos sociais que se formaram a partir das interações sexuais e culturais dentro das sociedades coloniais ibero-americanas e que levaram às alterações apontadas acima. Estas novas categorias nunca foram fixas no tempo e no espaço: os critérios que definiam as respectivas condições de *mestiços*, espanhóis, indígenas ou pardos eram instáveis e, embora incontornáveis para os indivíduos que viviam nestas sociedades, muitas vezes não eram aceitas no âmbito individual ou coletivo. Isto porque, como ressalta, as empreitadas coloniais, não obstante suas assimetrias e violências, foram marcadas por dinâmicas interativas e participativas que borravam os próprios critérios de definições sociais elaboradas em precedência. Se, assim como o conceito de *limpieza de sangre*, as categorias coloniais ambicionavam definir de modo estrito a diversidade social, estas mesmas definições eram continuamente subvertidas pelos “processos dinâmicos de formação de classes sociais nos quais pessoas de origens mestiças tiveram um papel crescentemente importante” (Schwartz 2020, p.76).

Os mestiços foram centrais como intermediários entre as sociedades hispânica e indígena, em especial como intérpretes. Contudo, estas mesmas facilidades linguísticas e o hibridismo cultural, ao lado de seu enorme potencial de crescimento demográfico, fizeram com que fossem representados simultaneamente como grupos potencialmente perigosos e disruptivos da ordem colonial em termos morais, religiosos e militares. Sobre este ponto cabe mencionar que, embora em termos de escala a colonização da América foi marcante para estas interações simultaneamente associativas e discriminatórias, sentiu-se a falta de uma menção às relações ibéricas e em especial portuguesas com povos africanos nas Ilhas Atlânticas e na costa africana. Neste caso, já na segunda metade do século XV e primeira metade do século XVI houve a formação de grupos híbridos, bem como a criação de mecanismos que amorteceram as relações interétnicas e mercantis e ao mesmo tempo deram início à semelhantes ideias discriminatórias dos indivíduos de origens mestiças, como demonstram em seus trabalhos autores como Alida Metcalf, em seu livro *Go-Betweens and the Colonization of Brazil*, Diogo Ramada Curto, em *Cultura Imperial e Projetos Coloniais (Séculos XV-XVIII)*, e Luiz Felipe de Alencastro, em *O Trato dos Videntes*.

Um outro ponto a ser ressaltado sobre este capítulo é a aplicação do conceito de *pureza de sangue*, que é redimensionado a partir de suas origens religiosas e aplicado até mesmo aos *criollos*, no

caso da América espanhola: intensificam-se as referências à hereditariedade dos defeitos de sangue, que se associa ao trabalho cativo, à alimentação deficitária ou mesmo ao fato de um indivíduo ser amamentado por uma ama-de-leite de origem “impura”, limitando suas capacidades intelectuais. Concomitantemente, crescem as alusões ao formato corporal, cor da pele e forma dos cabelos dos indivíduos em petições e testamentos. Por fim, sintetiza o autor que estas ideias e conceitos que se aproximam das concepções modernas de raça se tornaram operativas na América ibérica paulatinamente durante o período colonial, incluindo a associação dos grupos sociais mestiços à criminalidade, embriaguez e ociosidade, um fenômeno que ainda persiste e que, se posto em perspectiva histórica, nos ajuda a compreender as desigualdades do presente.

Blood and Boundaries é um livro instigante para os estudiosos dos impérios ibéricos. Altamente sugestivo, demonstra a partir de uma perspectiva analítica comparativa e ampla processos de formação de sociedades coloniais, colocando em evidência suas assimetrias e interações, ressaltando os momentos caracterizados por colaborações e reciprocidades entre grupos marginalizados ou perseguidos com os grupos dominantes. Como está explícito no subtítulo da obra, os *limites* da exclusão social não eliminam as perseguições de cristãos-novos por agentes inquisitoriais, a criminalização de mestiços, e nem mesmo alude a uma possível contingência das discriminações. Pelo contrário: o autor evidencia a estrutura excludente destas sociedades, como é o caso do trabalho compulsório e da busca por coesão religiosa e étnica, e seus efeitos nos grupos sociais marginalizados nas possessões ibero-americanas. Contudo, entre a rigidez ambicionada e concebida por autoridades civis e eclesiásticas e as práticas sociais do cotidiano há uma relativa distância que abre espaço ao convívio, troca de experiências e reciprocidades que turvam a compreensão do leitor que parta de princípios fixos para o entendimento dos fenômenos descritos, algo que tem se tornado recorrente em abordagens históricas. Seja em âmbito acadêmico ou de ampla circulação, o espelhamento crescente de aspectos identitários para a análise do passado leva, desde o princípio, ao uso de categorias rígidas para a análise da definição e interação de grupos sociais coloniais ou mesmo para se definir os processos de colonização e que, postos ao rigor metodológico, revelam complexidades sem tamanho para quem se dedique à temas análogos. Eis uma das grandes lições a se tirar deste livro de Stuart B. Schwartz.

Referências bibliográficas

Alencastro, Luiz Felipe de. *O Trato dos Videntes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Curto, Diogo Ramada. *Cultura Imperial e Projetos Coloniais (Séculos XV a XVIII)*. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

Metcalf, Alida. C. *Go-Betweens and the Colonization of Brazil: 1500-1600*. Austin: University of Texas Press, 2006.

Prosperi, Adriano. *Il Seme dell'Intolleranza: ebrei, eretici, selvaggi: Granada 1492*. Roma-Bari: Laterza, 2013.

Schwartz, Stuart B. *Blood and Boundaries: The Limits of Racial Exclusion in Early Modern Latin America*. Boston; Waltham, Brandeis University Press, 2020.

Soyer, François. *The Persecution of the Jews and Muslims of Portugal: King Manuel I and the End of Religious Tolerance (1496-7)*. Leiden; Boston: Brill, 2007.

Recebida: 05 de janeiro de 2023

Aprovada: 18 de março de 2023